

# COREOGRAFISMOS CLÍNICOS: CONTÁGIO E OUTRAMENTO

Catarina Resende

## Resumo

No encontro, os corpos habitam uma espécie terceira margem do rio, onde já não há *eu ou o outro* isoladamente, mas *um acontecimento* que os atravessa entre uma margem e outra. Deixamos de ser um, somos uma multidão buscando um *tom*, isto é, a afinação de uma multiplicidade de forças que se alinham e produzem um sem fim. Quando encontrar é *ir ter com* alguém que nos convém, misturamo-nos parcialmente com o outro e aumentamos nossa potência vital, entrando para um fora de nós mesmos, condição para a criação de novos modos de vida. Nesse jogo dinâmico do encontro como acontecimento, investigamos como os corpos se ligam na clínica, compondo movimentos intensivo-afetivos numa espécie de *coreografismo*. Ao deslocar as noções de transferência e contra-transferência para a de contágio, buscamos dar visibilidade a uma comunicação inconsciente dos corpos que desencadeia o devir-outro na experiência clínica. Neste sentido, objetivamos abordar a *disponibilidade do analista* como um dos pontos de sustentação desse outramento, para que se favoreça a produção de desvios e de novas modulações aos processos de subjetivação, a partir do dispositivo clínico.

## Palavras-chave

Clínica – dança – processos de subjetivação – devir-outro

*A história da dança não é não pode ser o Percurso dos Movimentos Traçados no chão.  
É (tem de ser) o Percurso dos Movimentos Traçados no ar.  
Acreditar que os Pássaros são restos de COREOGRAFIAS. Imagens do corpo que  
ficaram atrás, suspensas.  
(As nuvens ainda, tudo o que é alto, o céu.)  
Os pássaros são restos de COREOGRAFIAS.  
(Gonçalo M. Tavares – Livro da Dança)*

Com estes versos do escritor Gonçalo Tavares<sup>1</sup>, entende-se a *coreografia* como um percurso dos movimentos traçados no ar capaz de produzir restos – imagens corporais dançantes e abstratas que criam uma atmosfera. *Grafismo* é definido pelo Dicionário Houaiss<sup>2</sup> como um conjunto particular de signos, que nas artes plásticas se manifesta por um estilo estético dos traçados de linhas e curvas. Ainda, para Tavares<sup>3</sup>, se pudéssemos traçar um percurso geométrico de dois caminhos que se cruzam num encontro, teríamos uma diagonal, uma linha transversal. Assim, apreendemos, aqui, por *coreografismos*, um modo singular e transversal de imprimir o rastro dos movimentos intensivos dos corpos e afetos que transbordam dos encontros, engendrando nessa atmosfera, uma dupla abertura: ao *contágio* e ao *outramento*.

No presente trabalho, lançamos a experiência da clínica à sua vizinhança com a dança, tomando o movimento dançado na sua dimensão intensivo-afetiva; por uma perspectiva em que o encontro dos corpos na clínica produz também coreografismos. Com isto, a direção do tratamento pode ser traçada incluindo os ritmos que venham a atravessar a composição dinâmica dos corpos; fazendo-nos habitar uma espécie “terceira margem do rio”. Evocamos o conto de Guimarães Rosa<sup>4</sup>, sobre a estória do pai que larga casa

---

<sup>1</sup> TAVARES, G. M. *Livro da dança*. Florianópolis: Editora da Casa, 2008.

<sup>2</sup> Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.

<sup>3</sup> Comunicação oral. *Conversas às Quintas com a Visão*, Museu da Eletricidade, Lisboa, em 10 de maio de 2012.

<sup>4</sup> ROSA, J. G. A terceira margem do rio. In: *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

e família para morar nas águas do rio, dentro de sua canoa, sem pouso certo nem destino definido, para pensar que no agenciamento de um encontro – tal qual o do homem-canoa-rio – permanecemos de meio a meio de caminho, fazendo da *canoa com o homem na correnteza do rio* mais uma margem. Assim, habitar a terceira margem do rio, faz do navegar a um só tempo território e deriva, num agenciamento onde já não há *eu ou o outro* isoladamente, mas *um acontecimento* que nos atravessa entre uma margem e outra.

Diante de um acontecimento os contornos do sujeito nuclear (com pressupostos, identidades) se desfazem, deixamos de ser um, somos uma multidão buscando um *tom*, isto é, a afinação de uma multiplicidade de forças que se alinham e produzem um sem fim. De acordo com o filósofo Laurent Bove<sup>5</sup>, na metafísica de Spinoza, corpo e espírito comunicam-se entre si, atravessados por uma exterioridade que interfere no regime de afetabilidade de um indivíduo – na sua capacidade de afetar e ser afetado. Não pensamos ou sentimos como sujeitos isolados, mas participamos de expressões de potências que transbordam em nós e nos ultrapassa. Ao mesmo tempo em que somos nós que pensamos, há alguma coisa que pensa através de nós. Somos nós que sentimos, mas não somos a única causa do que sentimos e experimentamos. Assim, uma ideia ou um afeto são de uma só vez singular e impessoal.

Em abordagem ainda spinozista, José Gil<sup>6</sup> reforça que encontrar é *ir ter com* alguém, misturando-nos parcialmente com o outro. Somos um encadeamento de afetos, afecções e ideias que quanto mais correspondem a uma capacidade de alinhamento das forças segundo uma lógica própria de afetabilidade, mais estaremos exercendo a nossa potência do ser. Encontrar com alguém que nos convém aumenta nossa potência vital, expandimo-nos entrando para um fora de nós mesmos, condição para a criação de novos modos de vida. Entrevemos este processo na leitura do *Livro do*

---

<sup>5</sup> Spinoza e a questão ético-social do desejo: estudos comparativos com Epicuro-Lucrécio e Maquiavel. Niterói: *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 24 – n. 3, p. 443-472, Set./Dez. 2012.

<sup>6</sup> Comunicação oral. *Conversas às Quintas com a Visão*, Museu da Eletricidade, Lisboa, em 10 de maio de 2012.

*Desassossego*, de Fernando Pessoa-Bernardo Soares<sup>7</sup>; para quem “a vida é uma viagem experimental” e “viver é ser outro”, encarnando a elaboração da experiência de contágio com as forças do mundo, como um modo de multiplicar-se aprofundando-se. Misturado parcialmente com o outro (ou um fora), cria-se a si mesmo em “eco e abismo”. Por outras palavras, no encontro, criamos a nós mesmos em função de um regime de afetabilidade que se agita simultaneamente, em ressonância e fissura com uma exterioridade.

Nessa mesma direção, há, na dança contemporânea, uma aposta em metodologias de composição coreográfica que sejam capazes de incluir a imprevisibilidade dos encontros como uma matéria para a criação. Reconhecemos no método de Composição em Tempo Real (CTR) um importante dispositivo para se pensar *encontro* e *criação* no dispositivo clínico. Desenvolvida pelo coreógrafo João Fiadeiro – da geração da Nova Dança Portuguesa – desde a década de 1990, a CTR vem ganhando novos contornos com a atual colaboração da antropóloga Fernanda Eugénio, num cruzamento entre dança e etnografia contemporâneas que expande esse método de composição coreográfica para um dispositivo de análise e experimentação sobre a questão de “como viver juntos”. Para Fiadeiro e Eugénio<sup>8</sup>, o encontro produz-se a partir de um acidente tão brutal quanto delicado, que ao ser percebido, acolhido, compartilhado e manuseado na sua afetabilidade, tem o impacto de uma “ferida”, capaz de romper com o instituído e criar os possíveis. Encontrar é ir ter com aquilo que emerge como acontecimento, comparecer reciprocamente diante da multiplicidade do que faz eco e abre um abismo para re-existir.

Nestes termos, a CTR complexifica-se enquanto dispositivo que pretende a um só tempo, dissecar e vitalizar o encontro, no regime da “secalharidade” – entre-ter-se com algo que não se buscava, mas veio a calhar, aconteceu<sup>9</sup>. À primeira vista, a designação Composição em Tempo Real indica

---

<sup>7</sup> PESSOA, F. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Org: Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>8</sup> FIADEIRO, J. EUGENIO, F. *Dos modos de re-existência: um outro mundo possível, a secalharidade*. Manifesto AndLab – Atelier Real, Lisboa, 2012. *Secalharidade: uma conferência-performance*. alcantara festival, Lisboa, 1, 2, 3 de junho de 2012.

<sup>9</sup> FIADEIRO; EUGENIO, *op. cit.*

a ideia de um instrumental para composições no aqui e agora do instante; porém, ao desacelerar esse passar de olhos, percebemos a densidade das conexões que compor em tempo real exige. Trata-se de um exercício de desfocar e ampliar o olhar, de conjugar a luz e a sombra ao que se vê, de recuar para avançar, distanciando-se de uma única via, de reparar no intervalo entre os possíveis e a sua atualização. Assim, a investigação é proposta em forma de um jogo, num espaço determinado, onde cada ação – seja feita pelo manuseio de objetos, seja com os movimentos corporais ou ambos – irrompe acidentes, forja com-posições, convoca co-incidências, partilha lógicas comuns de afetabilidade, ligando-se pela diferença. O fio condutor dessa viagem experimental é dar a ver as relações de relações compossíveis emergentes desde uma rachadura. Para tanto, deve-se investir na elasticidade do olhar, manusear a multiplicidade de conexões com o acontecimento, agir na suficiência dos gestos, sustentar a abertura da ferida enquanto esta ainda pulsa, consistir na duração do compartilhamento, habitar o entre, deslocando-se de si e agenciando-se ao plano comum.

Nessa dinâmica do encontro como acontecimento, investigamos como os corpos se ligam na clínica, baseados numa ética da confiança e da experimentação, na qual se incluem a reciprocidade e a assimetria dessa relação. Ao deslocar as noções de transferência e contra-transferência para a de contágio, privilegiamos os agenciamentos entre analista-paciente-mundo que levam-nos a navegar pela “terceira margem do rio”, fazendo território na deriva. O intuito é dar visibilidade a uma comunicação inconsciente dos corpos quando estes se ligam uns aos outros na sua matéria sensível, podendo compor novos coreografismos. Tal contágio entre analista e paciente, favorece uma viagem experimental que amplia as possibilidades de manejo desse encontro para além das dinâmicas de identificação ou mesmo empatia, criando-se linhas de conexões e osmose que desencadeiam o devir-outro na experiência clínica.

Seguindo a perspectiva spinozista sobre a composição dinâmica dos corpos, de acordo com a capacidade de afetar e ser afetado, insistimos no ponto em que afetos e ideias são sempre singulares e impessoais. Então, quando o analista sente ou pensa algo durante uma sessão na clínica, de uma

só vez, é ele que pensa e sente, e há algo que o ultrapassa e encadeia essas linhas de sensação ou ideação. Há uma composição sensível entre analista e paciente na qual, em uma atmosfera comum, são atravessados por uma multiplicidade de signos intensivos que se alinham em um coreografismo afetivo, onde as afecções modulam o tom de uma comunicação inconsciente entre os corpos. Assim, transbordam linhas de força que nos fazem entrar para um fora de nós mesmos, podendo de algum modo sentir o que o outro sente. Misturados parcialmente com o outro, multiplicamo-nos e surpreendemo-nos com uma espécie de *alteridade íntima*.

Ao descrevermos a possibilidade de outrar-se a partir de um contágio, observamos uma relação de reciprocidade no dispositivo clínico, que convoca a presença do analista com corpo e afetos. Entretanto, essa experimentação não implica em dissenso, nem simetria; tampouco num caos onde se anulem as singularidades. A ligação se dá pela divergência; coabitamos a terceira margem com a diferença. O heterônimo Bernardo Soares e a CTR nos oferecem uma lente e um modo operativo, respectivamente, para pensarmos essa dimensão impessoal e singular do encontro.

Os jogos de CTR são uma espécie de cartografia afetiva das linhas de força que nos colocam em relação no plano comum, um exercício de afirmar e aceitar o encontro, que concorre em recuo e comparência, num mesmo traçado, e nos instiga a recolocar questões às possibilidades e modalidades de conexão. As reflexões de Soares, por seu turno, estão sempre em busca da justa distância que garanta a lucidez (obscura e indistinta) da experimentação. A nosso ver, ambos percorrem um caminho que permite um distanciamento de si favorecedor de uma crítica e uma elaboração da experiência enquanto se experiencia. No caráter assimétrico da experimentação do encontro clínico, cabe ao analista oferecer um ambiente favorável à confiança e elaboração daquilo que o paciente experimenta numa atmosfera comum.

Contudo, a abertura ao devir, em si, não garante uma experiência potente, e as práticas de cuidado são compostas de bons e maus encontros, assim como a vida. Neste sentido, objetivamos abordar a *disponibilidade do analista* como um dos pontos de sustentação do outramento na clínica, para que se favoreça a produção de desvios e de novas modulações aos processos

de subjetivação que potencializem o ser. Entendemos por disponibilidade, a capacidade do analista de graduar a intensidade da abertura ao contágio, no mesmo movimento em que se oferece para acolher, sustentar e acompanhar as linhas do devir do outro, colocando-se ele mesmo em devir. O analista está em cena, buscando, entretanto, manter uma distância crítica a favor da elaboração dessa experiência. Ter no corpo um dispositivo de circulação permanente das linhas de força capaz de dar relevo aos cartografismos dos encontros que possam expandir para uma poderosa vitalidade de re-existência. Criar um corpo-multidão em eco e abismo, tendo como fio condutor uma prática de cuidado que viabilize a criação de novos modos de vida segundo uma lógica da potência dos afetos.